

A persistência do exílio em Aharon Appelfeld

The Persistence of Exile in Aharon Appelfeld

Luis S. Krausz

Resumo: Este artigo discute, em primeiro lugar, o embaralhamento dos conceitos de exílio e de lar nacional na trajetória do escritor hebraico Aharon Appelfeld, autor que, embora educado nos moldes da ideologia sionista a partir de sua chegada à Palestina Britânica, em 1946, manteve-se sempre apegado ao mundo dos judeus assimilados de língua alemã da Europa Central, do qual era originário. Sentindo-se sempre muito próximo à comunidade de expatriados desta região que, antes ou depois da 2ª. Guerra Mundial, refugiaram-se em Israel, Appelfeld cultivou, ao longo dos anos 1950, o convívio com estes refugiados e, a partir desta experiência, pode criar uma obra literária que é também uma reconstrução do universo de sua infância, obliterado pelo genocídio na Europa. Posteriormente são também discutidos dois dos romances austro-húngaros de Appelfeld – *Be et u've Onah Ahat* e *Massa al há-Horef* – nos quais o autor faz um retrato empático desta comunidade de judeus assimilados, ainda na Europa do período entre-guerras. Estes aparecem perdidos entre uma ideologia cosmopolita e humanista, que rapidamente desaparece da Europa na medida em que avançam os nacionalismos fascistas, e o declinante hassidismo ou judaísmo pietista. Suspensos entre dois mundos em vias de desaparecimento, estes judeus são como uma nova "geração do deserto", cujas jornadas levam ao lugar nenhum do exílio permanente.

Palavras-chave: Literatura hebraica. Exílio. Israel .

Abstract: This article discusses the confusion of the concepts of exile and homeland in the life of hebrew novelist Aharon Appelfeld, an author educated in the framework of Zionist ideology from the time of his arrival in British Palestine, in 1946, but who nevertheless remained attached to the world of his origins, the world of assimilated, German-speaking Jews of Central Europe. Appelfeld always felt very close to the community of expatriates from this region who arrived in Israel as refugees, before or in the aftermath of World War II. During the 1950's, he cultivated close relations with these refugees, who perceived themselves as exiles, and by this means he was able to reconstruct, in fiction, the world he had been uprooted from in 1940, at the age of 8. Two austro-hungarian novels by Appelfeld – *Be et u've Onah Ahat* and *Massa al há-Horef* – are also discussed here. In these novels he draws an emphatic portrait of the community of assimilated Jews in *interbellum* Europe. These Jews appear lost between a cosmopolitan and humanistic ideology, which rapidly disappears before the advance of fascist nationalism, and the decline of Hassidism. Suspended between two worlds which are in themselves about to disappear, these Jews resemble a new "Generation of the Desert", whose journeys take them to the nowhere of permanent exile.

Keywords: Hebrew Literature. Exile. Israel.

1 Uma localidade ficcional

Desterritorialização e exílio são categorias que fazem sentido ante os seus opostos, isto é, a territorialidade, a fixação de determinados indivíduos em determinada localidade, aceita como lar ou terra-mãe, onde a existência faz sentido num âmbito maior de repertórios simbólicos compartilhados. No caso do escritor de língua hebraica Aharon Appelfeld, nascido na cidade de Czernowitz, no ano de 1932, as categorias de exílio e de lar nacional encontram-se singularmente embaralhadas. E este embaralhamento, que marca de maneira profunda e determinante a vida pessoal do autor, é também o tema da maior parte da sua obra de ficção: Appelfeld foi sempre um autor rebelde no cenário das letras hebraicas justamente porque, em sua literatura, retorna, constantemente, às terras do exílio judaico que ficaram para trás, na Europa, jamais cedendo à pressão do ambiente literário israelense no

sentido de subscrever, de alguma maneira, ao nacionalismo e tratar, de alguma forma, de uma existência israelense que vê a si mesma como uma ruptura com o passado exílico e diaspórico.

Appelfeld nasceu numa cidade que, à sua época, fazia parte do território romeno. Porém seus pais, que nasceram na mesma localidade, foram cidadãos do Império Habsburgo e membros de uma classe social que falava o alemão – a língua culta da monarquia Austro-húngara, que se tornara sinônimo de civilização, cultura e humanidade para os judeus assimilados da Europa Central. Deportado para um campo de concentração nazista aos oito anos de idade, conseguiu escapar, sobrevivendo à guerra isolado em florestas e regiões agrárias da Ucrânia e da Rússia.

Appelfeld emigrou para o que era então a Palestina Britânica no ano de 1946 e, aos 14 anos de idade, não era capaz de falar fluentemente nenhum idioma – e menos ainda de se expressar por meio da escrita. O alemão da casa materna fora obliterado pelos anos caóticos de fuga, durante os quais ele se refugiou junto a estranhos que falavam línguas estranhas, e o hebraico, idioma dos judeus radicados na Palestina Britânica, que almejavam a criação de um Estado Judeu, era-lhe, também, totalmente desconhecido.

Nas palavras de Philip Roth, ele é "um escritor deslocado, deportado, expropriado, desarraigado... é um autor deslocado de obras deslocadas, que soube se apossar de modo inconfundível do tema do deslocamento". (ROTH, 2008: 29)

Educado, a partir de sua chegada à Palestina, na ideologia dos pioneiros do Estado Judeu, que insistiam na idéia de que os judeus tinham que obliterar seu passado diaspórico para adotar a língua hebraica e subscrever à ideologia do sionismo e do movimento kibutziano, Appelfeld, no entanto, manteve-se apegado às memórias de sua infância e ao mundo naufragado dos judeus aculturados da Europa Central – um universo declinante que, já desde a sua infância, se tornara anacrônico e distópico.

Czernowitz foi, até 1918, um pólo de irradiação da cultura austro-alemã, no que era então a província mais oriental do Império Habsburgo. Sob o Império, esta cidade tornou-se conhecida como "pequena Viena do Leste" e os judeus de Czernowitz, especialmente os da classe burguesa, eram particularmente afeitos à cultura alemã. Mas com o término da 1ª. Guerra Mundial, isto é, quinze anos antes do nascimento de Appelfeld, Czernowitz passou a fazer parte da Romênia, um país a cada tanto mais proto-fascista e virulentamente nacionalista, e a cada tanto mais intolerante para com suas minorias étnicas, culturais e religiosas – em particular para com os judeus, cujos direitos eram cada vez mais tolhidos. Na década de 1930, o ministro Íon Nistor promulgou uma série de atos que tinham o objetivo explícito de enfraquecer a influência econômica e cultural das minorias não-romenas, e que visava, sobretudo, a marginalização dos alemães e dos judeus. Planos de deportação maciça de não-romenos, exclusão dos judeus das instituições de ensino do Estado e do serviço público, nacionalização de empreendimentos – todas essas medidas tão próximas à política que Hitler implantava na Alemanha aos poucos se tornaram realidade na Romênia em que Appelfeld passou sua primeira infância.

Nas palavras do crítico israelense Yigal Schwartz, esta mudança de governo, da benévola e tolerante legislação habsburga para a fúria nacionalista romena, fez da comunidade judaica germanizada da Bucovina – a província da qual Czernowitz era a capital:

uma sociedade em condições precárias. Ao passar do governo Habsburgo para o governo romeno, em 1918, ela separou-se de suas raízes tribais-nacionais-religiosas e continuou a olhar para a cultura germânico-vienense, que a esta altura já era mais uma ilusão do que uma cultura verdadeira. O *status* existencial desta comunidade, conforme descrito em estudos históricos e em testemunhos

peçoais, é coerente com o status existencial da infância perdida de Appelfeld conforme esta emerge em suas histórias. (SCHWARZ, 2001: 19)

A família de Appelfeld, como todos os judeus germanizados desta região no período entre-guerras, passou, assim, a cultivar uma "criação ficcional" (SCHWARZ, 2001: 19), uma espécie de Idade do Ouro perdida no tempo que, em seu imaginário coletivo, passou a receber todo o tipo de idealizações, transpondo para o passado habsburgo irremediavelmente perdido esperanças que talvez fossem inconscientemente análogas àquelas que o judaísmo tradicional e pietista projetava sobre a era messiânica e o retorno a Jerusalém.

Para esta classe, assim, a nostalgia tomou, em certa medida, o lugar das esperanças no futuro: uma irremediável melancolia aos poucos foi se tornando o registro existencial dominante de um grupo historicamente condenado ao exílio ou à destruição.

2 Rastros e pistas

Como herdeiro espiritual deste legado, Appelfeld volta-se, em sua literatura, sobre o mundo perdido dos judeus de língua alemã da Europa Central. Não obstante sua educação dentro do sistema halutziano (isto é, dos *halutzim*, os pioneiros do movimento sionista) e nacionalista dos primeiros anos de existência do Estado de Israel – Appelfeld estudou, primeiro, numa escola agrícola e, posteriormente, prestou o serviço militar – ele buscou, de maneira constante, reatar seus vínculos com o mundo perdido e desaparecido de seus pais.

Não obstante as advertências de seus educadores nas escolas agrícolas, ele insistia em ler livros em alemão. Não obstante a persistência dos discursos ideológicos que visavam à criação de uma nova identidade israelense, inteiramente separada do passado judaico diaspórico, ele buscou, nos anos de sua formação, na década de 1950, o convívio não com os expoentes do movimento halutziano, mas com aqueles que, tendo escapado com vida das antigas terras dos Habsburgos, se encontravam nos cafés da *Moshava Germanit* e de *Rehavia*, em Jerusalém, onde continuavam, dia após dia, uma longa conversa em alemão; onde continuavam a se comunicar com gestos e expressões faciais trazidas do velho mundo; onde persistiam os aromas e os sabores de uma paisagem humana obliterada. Neste ambiente, o escritor reencontrou os rastros e as pistas do universo do qual foi arrancado na infância e por meio deste convívio foi capaz de construir pontes com um passado inalcançável.

Em *Uma mesa para um*, livro de 2004, Appelfeld conta sobre a intensidade de seu convívio com estes emigrantes nos cafés de Jerusalém – emigrantes que, paradoxalmente, viam-se como exilados em Israel, e seguiam cultuando os ecos de um mundo que sucumbira à destruição na Europa. Entre eles Appelfeld reencontrava a essência das lembranças que trazia consigo dos cafés de Czernowitz, que ele conhecera na infância: "esta essência era encarnada por estes emigrantes, que falavam o alemão habsburgo, que tinham sido arrancados de suas terras de nascimento e agora se sentiam perdidos em seu lar nacional." (APPELFELD, 2004: 13) Ali, em meio a estes desterrados irremediáveis, ele se sentia em casa: " Afinal das contas, meu lar não era o país da revolução hebraica, e sim o país dos emigrados." (APPELFELD, 2004: 15) Foi a partir deste ambiente de desenraizados que o escritor pode, outra vez, mirar o mundo que perdeu aos oito anos de idade: "Para mim, Rehavia se tornou o umbral do meu lar, do qual fui arrancado na infância." (APPELFELD, 2004: 30). "O Império Austro-húngaro sobrevivia no Café Peter e os sobreviventes ali pairavam como sombras." (APPELFELD, 2004: 64)

Appelfeld afirmou que o destino desses judeus assimilados, dos que permaneceram vinculados à cultura, à língua, aos modos de ser e de pensar trazidos da Europa Central, sempre lhe pareceu particularmente emblemático do próprio destino judaico:

Os judeus assimilados construíram uma estrutura de valores humanistas e contemplavam o mundo externo a partir dessa estrutura. Estavam convictos de que não eram mais judeus e que tudo aquilo que se aplicava aos 'judeus' não se aplicava a eles. Essa confiança estranha os transformou em criaturas cegas, ou quase cegas. Sempre adorei os judeus assimilados, porque era neles que o caráter judaico, e também talvez o destino judaico, estava concentrado com maior força. (ROTH, 2008: 39)

3 Reconstruções e melancolia

Foi por meio de seu contato com a comunidade de expatriados em Jerusalém que Appelfeld reconstruiu para si, em sua obra de ficção, este universo dos judeus assimilados, perdidos entre dois mundos, numa época entre as duas grandes guerras. Este é o tema central dos romances que Appelfeld escreve a partir da década de 1980, e que recompõem o universo perdido de suas origens familiares.

Dentre estes romances, gostaria de ater-me, aqui, particularmente a dois – *Be et uve Onah Ahat*, de 1990, e *Massa al ha-Horef*, de 2001 – romances cujos personagens são vítimas da melancolia, e que me parecem emblemáticos do tratamento literário que Appelfeld dá a esta questão da relação entre a melancolia e o deslocamento em sua obra literária como um todo.

O apego a uma identidade judaica que supostamente não seria mais judaica e, ao mesmo tempo, um estranhamento quase que absoluto com relação a uma tradição religiosa que no mais das vezes se tornou repelente – em particular, a tradição do pietismo místico judaico ou hassidismo, que floresceu na Bucovina e na Galícia austro-húngaras a partir do século 18 – são os pólos que delimitam os horizontes existenciais dos personagens desses dois romances, cujos enredos se desdobram em suspensão entre dois mundos: exilados de suas convicções não por vontade própria mas pelas realidades políticas da Europa dos anos 1930 e, ao mesmo tempo, alienados em relação às crenças e às esperanças de seus antepassados, que haviam criado uma identidade filosófica e religiosa na qual a condição de exílio era uma peça chave, eles são levados à perplexidade, ao desespero e à paralisação. Vivem entre dois mundos – o da cultura vienense e o da tradição pietista – mas têm uma consciência a cada tanto mais aguda da fatalidade que paira sobre estes dois mundos. Se seus horizontes são limitados por estes dois universos, uma terceira via, uma saída, parecem impossíveis.

Entre um culto à criação fictícia da cultura vienense, a cada tanto mais cerceado pelas realidades da ascensão do nazismo, e uma já crença inaceitável na fé messiânica, a geração representada nesses romances é, como a própria geração dos pais de Appelfeld: uma geração de perplexos, perdidos num entre-guerras caracterizado pela dissolução de todos os parâmetros, numa *Mitteleuropa* que, de centro da Europa, rapidamente se transformava num lugar nenhum de caos e de destruição.

A melancolia que atinge esses personagens, assim, é indissociável de suas aporias cada vez mais generalizadas, ao mesmo tempo em que o apego a criações fictícias como cerne de uma cultura de exílio se torna uma espécie de quintessência do próprio destino judaico diaspórico.

Esses romances de Appelfeld constróem, assim, a épica de um universo já irreal, obliterado pela história. Personagens como Rudolf, de *Massa al ha-Horef*, Felix de *Be et uve Onah Ahat* – assim como Arthur Rosenfeld de *Kol Asher Ahavti*, Theo de *Al kol há-peshaim* – continuam envolvidos, de corpo e de alma, na oposição caracteristicamente oitocentista entre judeus germanizados e judeus apegados à tradição e ao legado religioso. Ao mesmo tempo, estes dois setores opostos permanecem inextricavelmente ligados, numa relação neurótica marcada por sentimentos ambivalentes. São realidades tão velhas quanto a própria emancipação judaica do fim do século 18: se os romances de

Appelfeld invariavelmente reiteram este conflito, mostram, também, que ele persiste – e que persiste justamente por não ter possibilidade de solução.

A persistência deste conflito entre facções judaicas polariza-as de maneira a cada tanto mais radical e esta persistência as leva a se aferrarem cada vez mais em suas opiniões, idéias e, sobretudo, preconceitos. Este conflito também mantém esses judeus a tal ponto alienados da realidade em que vivem que permanecem inconscientes das ameaças que pairam à sua volta, ignorando, até, as explosões cada vez mais freqüentes de violência antisemita que terminarão por precipitar na tragédia do genocídio tanto os seguidores do ideário do Iluminismo judaico e da cultura alemã quanto o setor tradicional e pietista da sociedade judaica.

Nas palavras de Appelfeld, em *Uma mesa para um*, "Hitler forçou esses judeus assimilados a se tornarem judeus. Aqueles que tiveram o infortúnio de permanecer lá (na Europa) passaram seus últimos dias nos campos com os judeus da Europa Oriental, que eles tentaram evitar durante todas as suas vidas. (...) A luta, a ambivalência a respeito da própria identidade, fez com que eles se voltassem para dentro de si mesmos, e os tornou rudes..." (APPELFELD, 2004: 56).

Felix, de *Be et u-ve Onah Ahat* é um desses personagens que encarnam à perfeição a ânsia dos judeus assimilados de se separarem de tudo o que seja judaico. Judeu inteiramente aculturado, germanizado, que organiza sua vida em torno dos parâmetros da racionalidade e da ciência, ele é um homem "moderno" que olha com desprezo e desconfiança para tudo o que lhe parece supersticioso, irracional, inexplicável. Confia no avanço da ordem e da ciência, que desvendará os mistérios do mundo e resolverá os problemas da humanidade, sepultando, definitivamente, o obscurantismo e as crenças de todos os tipos. A música – especialmente a música alemã – é para ele a expressão máxima do espírito. O romance se abre no instante em que Felix e Henrietta chegam a uma aldeia nos Cárpatos, para onde se dirigiram por insistência de Henrietta. O objetivo desta viagem é procurar o rabi milagroso da localidade, de quem, por não encontrarem nenhum outro recurso, esperam que possa curar sua filha, Helga, de suas depressões. A decisão de fazer esta viagem foi de Henrietta, e Felix viajou contrariado:

Felix era um homem ordeiro. Todo o tipo de coisa ilógica o irritava. Ele sofria sempre que algo estava embaralhado. Ele conhecia apenas a clareza e a retidão. As reuniões que ele dirigia nunca duravam mais do que uma hora. As pessoas que lhe eram subordinadas sabiam que tinham que se dirigir à essência de um problema. E agora esta viagem, os buracos e a sujeira. Ele se opusera a este capricho com toda a sua alma. Por semanas a fio Henrietta assediara seu coração. Por fim, contra a vontade dele, eles partiram. Agora ele estava tomado de cansaço, de fúria esquecida e de revolta. (APPELFELD, 1990: 6).

Encarnação das virtudes germânicas tanto quanto daquilo que Stefan Zweig chamou de "supersitção da ciência", Felix sente-se como um verdadeiro vienense. Seu alemão é perfeito. Ele ama a vida dos cafés e dos teatros. Conhece a música clássica e sua filha é uma pianista promissora. Imagina-se perfeitamente integrado à sociedade mais ampla, e sente que nada mais o liga ao universo retrógrado e confuso dos judeus religiosos, que o incomoda e irrita. Felix tem uma identificação peculiar com a mentalidade urbana e burguesa de seu tempo, e representa as características daqueles que vêm na dissolução das especificidades judaicas o caminho para a perfeita integração numa civilização europeia cosmopolita: Viena é o seu lar e, ao contrário dos seguidores do pietismo, ele não vê a si mesmo como um exilado à espera da redenção que o levará de volta às terras da promessa bíblica.

O desenrolar do romance, porém, revela o equívoco de suas pretensões: quando finalmente decide abandonar a aldeia nos Cárpatos, deixando para trás, aos cuidados do rabi milagroso, sua mulher Henrietta e sua filha Helga e dirigindo-se para Viena em companhia de seu filho Karl encontram, já na estação de trem, os primeiros ataques de nazistas a judeus.

Os judeus desterrados de Appelfeld não são os religiosos que viviam na Europa porque, para os tradicionalistas, qualquer terra europeia, por mais confortável que fosse, era em si a materialização de um exílio ontológico, um exílio cuja origem se encontrava quase dois mil anos antes, e cujo termo, de acordo com as crenças místicas e proféticas do judaísmo, dependia do desencadeamento de uma nova era, gerado pela chegada da redenção messiânica. Os desterrados são os que, alienados da própria tradição, enfrontam-se, como Felix, na cultura oitocentista e burguesa cujos fundamentos vão sendo rapidamente minados no período posterior ao desmembramento do Império Austro-Húngaro, e cedem espaço para o avanço de ideologias de molde nazi-fascista que doravante negarão, cada vez com maior veemência, um lugar para os judeus na paisagem cultural da Europa.

4 Da inexorabilidade do exílio

O âmago do exílio dos judeus assimilados está, portanto, não numa simples questão geográfica, mas no anacronismo que faz deles cidadãos de impérios já inexistentes, expoentes de culturas que declinaram, porta-vozes de mensagens desacreditadas. Seu apego a um universo que se desvanece juntamente com a repulsa pelas próprias origens – que se manifesta, por exemplo, no desconforto que causa a Felix qualquer palavra pronunciada em língua ídiche – é o que os torna irremediavelmente desenraizados, pois seu exílio é um exílio no tempo e não apenas no espaço. Nas palavras de Appelfeld, citado por Roth, acima, são eles os que encarnam, com maior intensidade, o próprio destino judaico.

E no entanto a questão da territorialidade é também uma questão extremamente problemática na literatura de Appelfeld: os personagens desses seus romances tardios estão, sem exceção, em situações existenciais de deslocamento. Os moradores de cidades como Czernowitz ou Storoginetz que, em *Massa al há-Horef*, se dirigem às montanhas dos Cárpatos em busca de natureza e de ar puro tanto quanto em busca dos conselhos de um algum ancião judeu, o último de uma longa linhagem de rabis milagrosos, são também os exilados e refugiados da cultura urbana habsburga, um ecúmeno sepultado pelo tempo. Vivendo entre as memórias de dois mundos que não existem mais – o de uma tradição religiosa moribunda e esquecida, representada pelo rabi ancião fraco e doente ou pela grande sinagoga que está fechada há décadas, e o de uma urbanidade germanizada, construída sobre os pilares da *Bildung* oitocentista – estes judeus são criaturas particularmente angustiadas, propensas a explosões de ódio e de desespero, e que sentem a terra firme desaparecer de sob seus pés. Os turistas e veranistas de *Massa al-há Horef* são vítimas da mesma depressão e da mesma melancolia que afetam Helga de *Be et u-ve Onah Ahat*. E a cura indicada pelo homem milagroso de *Massa al-há Horef* aos que o procuram em busca de salvação para suas depressões é a mesma do ancião de *Be et u-ve Onah Ahat*: aprender as letras hebraicas e, sobretudo, as preces judaicas.

Felix, assim como Rudolf de *Massa el-há Horef*, revolta-se, visceralmente, contra esta crença no poder das palavras hebraicas – que é um dos princípios centrais do hassidismo e de toda a mística judaica que floresceu, nesta região da Europa, a partir do século 18. Sintomaticamente esta sua revolta vai de mãos dadas com o sonho de uma volta a Viena, à vida dos cafés, dos teatros e da música: secretamente, ele imagina que a música clássica – e não as letras hebraicas – haverá de tirar sua filha Helga da profunda melancolia.

Também os personagens de *Massa al ha-Horef* trazem consigo, das grandes cidades de onde são expulsos em números cada vez maiores, a poesia de Heinrich Heine e a vida dos cafés de molde

austro-húngaro e reconstroem, no exílio que é esta montanha onde passam a viver provisoriamente, como que pequenos templos da cultura em via de desaparecimento das metrópoles habsburgas – pequenos templos que estão para o esplendor desvanecido da Viena do entre-guerras como as sinagogas da diáspora judaica estão para o templo de Jerusalém, destruído pelos romanos no ano 70.

No hotel tanto quanto no café local florescem, por assim dizer, estas congregações de exilados cuja precariedade também faz pensar nas errâncias dos judeus pelo deserto, que carregam consigo, numa arca, os livros sagrados. Se na Bíblia esta jornada pelo deserto é descrita como infinita, para Schwarz "os personagens de Appelfeld pertencem à geração do deserto, aqueles que abandonaram um lugar mas jamais alcançarão seu destino, nem retornarão a seu lugar de destino", (SCHWARTZ 2001: 74) numa "jornada em direção ao exílio eterno."

A tentativa de retorno a uma vida simples e inocente, perto da natureza e da religiosidade, representada pelo retorno de Henrietta às preces hebraicas tanto quanto ao idioma ídiche, encontra paralelo nas trajetórias de muitos outros personagens dos romances austro-húngaros de Appelfeld, que reatualizam, por meio desses personagens, ideais do romantismo alemão, fundamentados na sublimidade livre e pastoral do convívio íntimo com as forças da natureza.

Às vezes este retorno de uma cultura que se tornou corrupta, exaurida e excessivamente complexa para um universo de simplicidade e naturalidade tem a forma de uma reconversão religiosa – como acontece com Helga e Henrietta em *Be et u-ve Onah Ahat*; e às vezes trata-se de um retorno idílico à natureza, como acontece com Paul e Henia Rosenfeld, personagens de *Kol asher Ahavti*, que encontram momentos de verdadeira felicidade em contato estreito com as florestas e os lagos da Bucovina no verão. Sintomaticamente, seu idílio só é perturbado pela passagem de carroças cujos ocupantes às vezes gritam, em direção a eles: "Judeus! Judeus!"

Este desejo por uma vida natural é um dos lugares comuns do imaginário romântico – especialmente do imaginário romântico alemão, que rejeita as instituições religiosas tanto quanto o racionalismo, e busca uma sublimidade e uma verdade autênticas, individuais e desvinculadas de qualquer tipo de hierarquia ou instituição religiosa (cf. SCHWARTZ, 2001: 105). Os personagens de Appelfeld hesitam entre a simplicidade da natureza e da religiosidade pietista e as distorções de uma cultura moderna que se tornou excessivamente complexa. São metáforas da própria trajetória do judaísmo europeu, que tenta integrar-se à modernidade ao longo de todo o século 19, mas ao mesmo tempo mantém um certo afastamento com relação a esta modernidade, olhando com dúvidas e com senso crítico para ambos os lados.

5 Gerações do deserto

Entre o declínio e o distanciamento crescente da cultura vienense e o declínio do pietismo hassidico, gerado pelo esgotamento das formas de vida herdadas da idade média e pelo êxodo em direção às grandes cidades, o refúgio proporcionado pela natureza parece uma solução provisória para o sentimento de inadequação desses personagens, proporcionando um alívio momentâneo na condição de exílio. Como escreve Hannah Arendt a respeito dos judeus assimilados da Europa Central, "a saída salvadora, que foi escolhida por muitos dos judeus atomizados e isolados da assimilação conduzia à realidade avassaladora da natureza que, da mesma forma que o próprio sol, brilha para todos (...)" (ARENDDT, 1976: 69)".

O encanto proporcionado pela natureza esplêndida dos Cárpatos, porém, não é a solução para os dilemas existenciais dos personagens de *Be'et u-ve Onah Ahat* ou de *Massa al há-Horef*. Pressionados pelos acontecimentos políticos, que os colhem de surpresa, os personagens desses romances de jornada nunca alcançam seu destino. Desesperados em sua busca por um centro perdido, eles são

como os israelitas que vagam pelo deserto numa jornada infinita em direção a uma terra da promessa inalcançável.

Eles perderam seu lugar, porém nunca alcançarão seu destino, nem poderão retornar às suas origens. Como escreve YigalSchwartz, "estes personagens se encontram numa jornada que representa uma condição espiritual e cultural defeituosa e irreparável. Sua jornada é uma jornada em direção ao exílio eterno." (SCHWARTZ, 2001: 74)

Como escritores de gerações anteriores de mesma extração judaico-centro-européia, dentre os quais são incontornáveis os nomes de Joseph Roth, Franz Kafka e Franz Werfel, Appelfeld retrata um exílio que se tornou uma condição ontológica.

De um lado está o exílio da tradição, representado por tantos dos personagens secundários dos dois romances aqui tratados, que se afastam das crenças e dos costumes judaicos herdados da Idade Média e imperceptivelmente sucumbem ante uma modernidade absorvente, que acaba por torná-los estranhos às suas próprias essências, e cujas vidas, longe destes moldes teológicos, acabam por tornar-se aberrantes.

De outro lado está o exílio do Império Habsburgo, que se afigura como uma espécie de terra da promessa perdida, da qual a nostalgia e o sentimento de distância crescente são os únicos remanescentes.

As pequenas aldeias dos Cárpatos, que aparecem nesses dois romances, são âmbitos de uma vida judaica preciosa, repleta de religiosidade e de simplicidade, mas são âmbitos declinantes e empobrecidos, enquanto que a vida dos judeus nas grandes cidades do antigo Império se torna cada vez mais impossível em função dos acontecimentos históricos e políticos. O deserto, a errância e a dispersão tornam-se, assim, um destino inescapável.

* **Luis S. Krausz** é Professor Doutor de Literatura Judaica e Hebraica na USP; Pós-doutor em Literatura Judaica pela USP e autor de *Rituais Crepusculares: Joseph Roth e a Nostalgia Austro-Judaica* e *As Musas: Poesia e Divindade na Grécia Arcaica*, ambos publicados pela Edusp. É Doutor em Literatura Judaica pela USP com estágio de pesquisa na Universidade Livre de Berlim e Mestre em Letras Clássicas pela University of Pennsylvania, com especialização na Universidade de Zurique.

Referências

- APPELFELD, Aharon. *A Table for One – Under the Light of Jerusalém*. London: The Toby Press, 2000.
- APPELFELD, Aharon. *Massa al ha-Horef*. Jerusalém: Keter, 2004.
- APPELFELD, Aharon. *The Healer*. Nova York: Grove Press, 1990.
- ARENDT, Hannah. *Die Verborgene Tradition*. – Essays. Frankfurt: Jüdischer Verlag bei Suhrkamp, 1976.
- DOMB, Risa. *Identity and Modern Israeli Literature*. Londres: Valentine Mitchell, 2006.
- ROTH, Philip. *Entre nós*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SCHWARTZ, Yigal. *Aharon Appelfeld: From Individual Lament to Tribal Eternity*. Hannover: Brandeis University Press, 2001.